

abrupto blém-blém de uma sineta de metal, e só acaba depois das 23, em mais de quinze horas de debates, orações, meditações e trabalhos de grupo, apenas interrompidos por rápidas refeições — quem não comer depressa arrisca-se a ter seu prato retirado ainda cheio. No princípio, os "rollos" (palavra de origem espanhola que significa rolo ou pergaminho, mas é usada, no retiro, com o sentido de "palestra") parecem extremamente didáticos e doutrinários. Os dirigentes, que não são necessariamente padres ou freiras, falam sobre O Ideal, A Graça, A Igreja, A Fé, numa repetição mais aperfeiçoada dos preceitos básicos que todos já deveriam ter conhecido no catecismo.

Depois de cada "rollo", divididos em equipes batizadas com nomes alegóricos (Nossa Senhora da Alegria, do Amor, Santo André, São João), os participantes do cursilho são encarregados de resumir o tema da palestra e de preparar murais em cartolina, com frases e desenhos. O quinto "rollo" do programa, que trata da Piedade, é o momento fundamental do retiro. Nele se dilacera a casca da fruta, arrancam-se quase impiedosamente suas sementes, corta-se sua polpa em mil pedaços e ainda se esmaga o que sobrou para retirar algumas gotículas de suco. E o cursilhista, finalmente, sente todo o seu gosto.

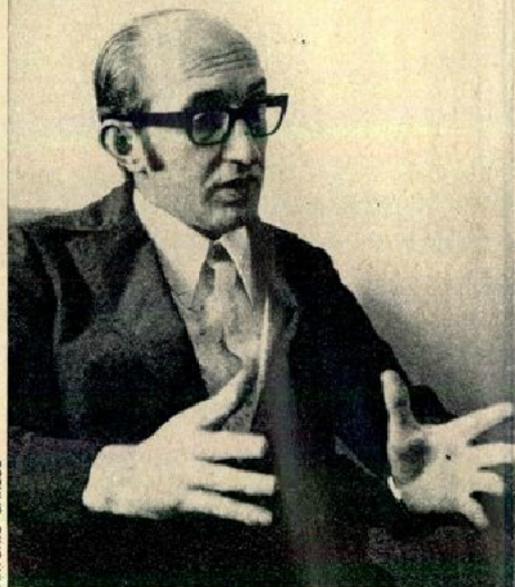
Pranto e soluços — No 168.º Cursilho masculino, em São Paulo, esse papel de liquidificador era exercido por um homem baixo, de cabelos elegantemente esbranquiçados nas têmporas, voz estridente, gestos bruscamente autoritários de juiz de futebol. Aparentemente des preocupado com as palavras que usava, inflamado, ele atacou "a falsa piedade do homem que assiste à missa e vai para o apartamento da amante, do cara que badala o padre e maltrata o empregado na empresa". E, a fim de mostrar "como são negras a mente e a alma de um falso piedoso", nem palavrões tradicio-

nais foram poupados: "Fariseu filho da p... é o patrão que sonega, o empregado que não retribui o trabalho, o marido que faz da mulher uma latrina, o médico que pratica um aborto diante de um crucifixo, o jornalista que deturpa a notícia", numa fiada que não deixou escapar nenhuma classe social, nenhuma profissão.

Para quem ouvia, a descompostura do dirigente arrombou as consciências, fez saltar os trincos do bom comportamento social, cujas regras aqueles senhores todos conheciam tão bem e estavam acostumados a respeitar. A pressão interna de cada um, que aumentava desde a meditação da primeira noite, desde o silêncio obrigatório e constrangedor do jantar, dos quartos sem sono na madrugada, do passeio no jardim pela manhã, já era muito maior que a resistência do corpo. Alguém começou a chorar. E as lágrimas, como o riso, são contagiantes. Logo, ecoavam prantos e soluços.

Lavagens cerebrais — Chantagem emocional, religião de elite, escola de carolas fanáticos? Ou um reencontro com Cristo, verdadeira vivência religiosa, escola de amor ao próximo, um novo nascimento? As opiniões dos cursilhistas dificilmente ficam no meio do caminho: ele é maravilhoso ou terrível.

Estimulados pelo "rollo" da Piedade, políticos corruptos, industriais inescrupulosos, maridos infiéis, pais violentos, mulheres angustiadas, todos admitem seus erros, confessam publicamente suas culpas — e prometem emendar-se. Ao mesmo tempo, algumas pessoas, por vários motivos, não conseguem suportar ou aceitar o impacto das palestras — e abandonam o retiro na primeira oportunidade. É o caso do padre Paulo Martinechen, um cidadão miúdo, calvo, de boca fina e nariz saliente, os óculos sobressaindo no rosto de passarinho. "Não consegui ficar os três dias no cursilho. No segundo, arrumei as malas e fugi



ANTÔNIO CARLOS

Martinechen: lavagem cerebral

"EU ADERI ATÉ NO CHORO"

Sérgio Oyama, 33 anos, casado, editor de "Religião" de VEJA, participou do 168.º Cursilho masculino de São Paulo. Seu testemunho:

Dos mistérios de que me haviam falado, não vi nada. Se houve em anos passados, em alguns cursilhos, pequenos e insondáveis segredos, eles haviam sido eliminados. Mas o impacto emocional aconteceu: embora eu tivesse me inscrito no retiro disposto a me deixar envolver completamente pelo esquema, supunha que pelo menos sobre os tais impactos de que tanto ouvira falar eu flutuaria tranqüilamente como frio observador.

Mas acabei aderindo integralmente — até ao choro.

Na verdade, é difícil alguém permanecer indiferente ao ambiente de extrema camaradagem dos dirigentes (nos quais não se percebia qualquer insinceridade) e aos veementes apelos emocionais. A falta de amor entre casais, pais e filhos, por exemplo, era tema que dava aos "rollistas" farta munição para levar os cursilhistas à comoção.

O método é nocivo à personalidade? Pode fazer germinar sementes ocultas de extremismos políticos ou de um moralismo intolerante? Teoricamente, a grande mensagem do cursilho é a do

amor incondicional ao próximo. Mas a demasiada preocupação pelo ritualismo e o ódio quase histérico pelos deslizes morais podem deturpar a primeira intenção. Embora sem concordar com as causas, alguns dirigentes admitiram tais conseqüências.

Acima de toda controvérsia, entretanto, é evidente que, para a Igreja Católica, os cursilhos representam uma força e um serviço inestimáveis. Ao defender a família, a moral católica, ao incentivar a caridade e a ação social, eles estão, pelo menos nas intenções, coerentes com as linhas traçadas pelos concílios e ensinamentos dos papas.